



Cine Clube da Terra Firme (à esquerda e no centro) e escola itinerante Telas em Movimento (acima) garantem o protagonismo das comunidades periféricas

SÉTIMAARTE

AUDIOVISUAL revolucionaria a periferia

CULTURA - Projetos de cinema executados de Belém buscam promover o acesso e o protagonismo de jovens, envolvendo as comunidades

CAMILA AZEVEDO
DA REDAÇÃO

Os abismos criados pela desigualdade social, além de afetarem a renda média da população do Pará - atualmente em R\$ 507, de acordo com um levantamento recente da FGV Social -, também prejudicam hábitos do dia a dia. Idas ao cinema ou acesso a conteúdos e equipamentos de produções audiovisuais acabam sendo privilégios de poucos e quem é morador dos bairros periféricos de Belém enfrenta ainda mais dificuldades. Por isso, com o objetivo de apresentar, fomentar e divulgar essa realidade, iniciativas como o Cine Clube da Terra Firme atuam e desenvolvem projetos de inclusão e protagonismo com crianças e jovens pensando no futuro e valorizando a história pessoal de cada um.

A iniciativa começou em 2018, após ocorrer uma chacinha no bairro. No mesmo ano, o filme *Pantera Negra* estava em cartaz nos cinemas. Foi então que a professora Lília Melo, primeira do Norte do Brasil a representar sua categoria no Global Teacher Prize, teve a ideia de levar 400 alunos das escolas públicas e de coletivos da Terra Firme para uma das sessões. Antes da pandemia de covid-19, o Cine Clube contava com cerca de 80 participantes. Agora, mais de 40 fazem parte dos sete grupos de trabalho que compõem as atividades. Todos envolvem cultura e vão desde produção de peças artísticas por meio da dança, poesia, teatro, música, até os documentários, considerados foco principal.

Kleidiane Sousa, produtora do projeto, conta que, após a sessão cinematográfica com os alunos, os organizadores queriam saber como foi a experiência de cada um e o que acharam do passeio. "Tivemos a ideia de fazer com que esses meninos contassem como foi. Então eles começaram a ir para as escolas, universidades, palestras e rodas de conversa (falar) sobre como se sentiram dentro do

cinema. Assim, tivemos outra ideia: fazer um documentário para eles contarem essas histórias e eles começaram a produzir, a se reconhecer como protagonistas, desenvolver os filmes e saber como se encaixavam. Descobrimos que gostavam de audiovisual e que era legal contar a própria história".

PRODUTORES

No início, o Cine Clube trabalhava apenas com o audiovisual, mas viram que os participantes tinham outras formas de expressão. "Mesmo assim, carro-chefe é o audiovisual. O que a gente faz? A gente pega essas expressões, faz um grande sarau, um evento, e o audiovisual entra recolhendo isso tudo, para poder ser exibido e contar o que foi observado. Eles são os roteiristas, são os diretores e os personagens, que contam a própria história. Porém, existem as pessoas parceiras, que vêm às vezes fazer oficina e facilitar essa troca para produzir o produto. O objetivo maior é fazer com que esses meninos saibam, de fato, qual a identidade deles, e a valorização do protagonismo do que eles produzem", afirma Kleidiane.

Os documentários e curtas-metragens produzidos pelos jovens do Cine Clube, mostrando e contando a história de cada um, são exibidos em diversos lugares: sessões são promovidas em escolas, coletivos e nas ruas do bairro da Terra Firme. "É o audiovisual salva. Salva vidas, pessoas, jovens e o projeto consegue fazer isso. Essas histórias [exibidas] são as próprias histórias daqui. Às vezes, as pessoas de fora entram em contato com a gente e nos sentimos representados, tem o Cine Garagem, Cine Mirante... A gente não consegue agregar todo mundo dentro de um espaço, então, levamos para as ruas para as pessoas terem esse acesso onde a gente não consegue chegar muitas vezes, que é lá no centro", completa.

VEJA
MAIS

Use a câmera do seu celular para acessar o conteúdo multimídia.



Atriz e cineasta Joyce Curso (no centro) investe em projetos que promovam a democratização do acesso ao audiovisual



O Telas em Movimento chega nas periferias e comunidades tradicionais da Amazônia

O cinema muda a forma como as pessoas se veem. Ele promove autoestima, gera possibilidades e sonhos que estão além da nossa própria realidade, porque ela é muito cruel e dolorosa"

JOYCE CURSINO
Atriz e cineasta

Projeto realiza sonhos

O estudante Maciel Loureiro, de 21 anos, já tem formação concluída na área de tecnologia da informação, porém foi quando começou a participar do Cine Clube, em 2021, que o sonho de trabalhar e se especializar em audiovisual ganhou forma. "O projeto eu conheço desde o início. Mas quando iniciou eu acabei indo estudar em tempo integral. Consegui conciliar e entrei aqui. Eu comecei há dois anos na área da dança. Quando fui vendo, acabei passando para o audiovisual, que é uma coisa que eu sempre buscava, mas achava que não era bom. Então, conforme o tempo, fui aperfeiçoando e descobrindo as partes da edi-

ção e da captação", conta.

Maciel é um dos coordenadores do grupo de trabalho de audiovisual. Desde o início, desenvolvia de tudo. Aprendeu a fotografar, filmar, editar e a utilizar as redes sociais para divulgar as ações do projeto. "Dependendo de quando precisa, faço todo o mapeamento de equipamento, falo com as pessoas que vão ser filmadas, vejo se a pessoa vai se sentir bem sendo filmada, se não, com quem conversar, a gente dá um jeito. O Cine Clube não é importante só para mim, mas para todos. A pessoa se redescobre e acaba se aprimorando nas habilidades que, de início, sabe que tem ou tem medo de não ser bom e não ser capaz", afirma

Escola itinerante garante espaços igualitários

Foi por perceber que o cinema era espaço majoritariamente de pessoas brancas que a atriz e cineasta Joyce Curso, de 26 anos, criou a própria produtora com foco em desenvolver projetos que promovam a democratização do acesso ao audiovisual nas periferias e comunidades tradicionais da Amazônia. Uma dessas iniciativas, o Telas em Movimento, é uma escola itinerante que passa pelas comunidades fazendo oficinas. O resultado final do que é aprendido nas aulas é um filme e cada produto é adaptado de acordo com a realidade de cada espaço visitado. Ou seja, se no bairro só tiver celular, é com o aparelho que o material será criado.

"Se estão mobilizadas com equipamento, a gente usa também, porque esse projeto é feito em parceria com lideranças comunitárias quilombolas e indígenas. O contato com os alunos é muito importante para a gente, porque percebemos a importância da produtora, principalmente para negros e indígenas dentro das universidades. Eles já enxergam a gente como uma referência. Para além do Telas, a gente faz alguns processos. Nos próprios filmes, a gente está sempre ten-

tando fazer com o elenco da comunidade, da região, que tem a vivência. Eles são os protagonistas das histórias. Cinema é um lugar machista, racista e xenofóbico, é contra isso que a gente luta", afirma Joyce.

TRANSFORMAÇÃO

Joyce ressalta, ainda, que muitas realidades são transformadas nas comunidades por meio do cinema. "A gente faz uma troca, a comunidade tem uma história para contar e a gente tem uma habilidade, conhecimento, e com isso a gente faz o filme. Na minha visão como realizadora e idealizadora do projeto, o cinema muda a forma como as pessoas se veem, ele promove autoestima, ele gera possibilidades e sonhos que estão além da nossa própria realidade, porque ela é muito cruel e dolorosa. O cinema, como a sétima arte, vem para resolver isso, essa dor de a gente nunca estar satisfeito, então, se ver na tela é uma grande oportunidade de se ver de uma forma diferente daquilo que é contado pela pessoa branca ao longo da história, é uma história contada para nós e por nós. É isso que importa".